

**MEMÓRIA, A PROTAGNISTA DO
LAR DO IDOSO “IRMÃ AFONSINA”, DE
PONTES E LACERDA – MT**

Organizadores:

Emily Sampaio Cordeiro Silva

Geovana Cristina Borges de Assis

Gislei Martins de Souza Oliveira

Gustavo Rodrigues Batista

Joseanne Marques Ferreira

Victor Hugo de Almeida de Oliveira

Pontes e Lacerda, MT.

2022

Organizadores:**Emily Sampaio Cordeiro Silva****Geovana Cristina Borges de Assis****Gislei Martins de Souza Oliveira****Gustavo Rodrigues Batista****Joseanne Marques Ferreira****Victor Hugo de Almeida de Oliveira**

Os organizadores de “Memória, a protagonista do ‘Lar do Idoso Irmã Afonsina’, de Pontes e Lacerda agradecem a todos os idosos que colaboraram com seus relatos para a confecção desta coletânea.

ISBN: 978-65-00-48066-5

Pontes e Lacerda, MT.

2022

SUMÁRIO

Apresentação	04
Eu tenho aquela vontade	05
Dona e proprietária	06
O abandono	08
Quase uma aceitação	08
Meu casamento	10
Sou teu desde nascença	11
Nos tempos da Reforma Agrária	12
História de vida	13
Eu sei quem sou, mas não consigo lembrar	14
Saudade de passarinho	15
A vida de seu João, boa ou não	16
A proposta	18
A mortalha que te espera	19
O peso da idade	20
Guarda noturno	21

Apresentação

Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível. (Jeanne Marie Gagnebin, *Lembrar, escrever, esquecer*).

A proposta visou o desenvolvimento e estudo do gênero literário Memórias entre os membros do “Lar do idoso Irmã Afonsina”, na cidade de Pontes e Lacerda. O isolamento e a reclusão social fazem parte do cotidiano desses indivíduos e, por mais que eles estejam em uma casa de repouso, o contato com os estudantes do IFMT foi fulcral para a construção de novos horizontes de conhecimento. Quanto ao trabalho com as Memórias, Tzvetan Todorov (2000) assevera que o passado, ao ser recuperado por meio da oralidade e/ou escrita, permite a reflexão sobre as vicissitudes do tempo presente. Sendo assim, mesmo que alguns idosos não tivessem contato com a escrita, foi possível compartilhar os relatos feitos com os demais participantes do grupo do asilo, como também pela equipe do IFMT.

A metodologia empregada teve como foco, em um primeiro momento, a leitura e interpretação de clássicos da literatura ocidental que discutem a tópica da memória. Em seguida, os discentes/extensionistas fizeram a escuta e a coleta das narrativas apresentadas pelos idosos para que fossem transcritas e metamorfoseadas conforme o gênero literário proposto. Desse modo, o material colhido transformou-se na obra intitulada “Memória – a protagonista do “Lar do Idoso Irmão Afonsina, de Pontes e Lacerda – MT” e, assim, esperamos contribuir com a formação identitária não apenas dos idosos que colaboraram com seus relatos de vida, mas principalmente do público-leitor no sentido de promover a convivência e a retomada de narrativas constituidoras da história de vida de cada um.

Além disso, deixamos nossos agradecimentos a todo(a)s os idoso(a)s do Lar do Idoso “Irmã Afonsina” que foram fundamentais para a consolidação das experiências que afetaram o nosso modo de pensar o mundo. Ainda, somos grato(a)s ao Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e à coordenação de extensão do *campus* “Fronteira Oeste” que não apenas financiaram, mas acreditaram na representatividade e importância do resgate dessas memórias em um viés literário.

Boa leitura!

Eu tenho aquela vontade

Sabe aquela vontade que uniu Eros e Psiquê? Que os fez sentir um pelo outro a intensidade da saudade e o glorioso gozo do reencontro? Se tu não sabes, sinto-lhe dizer, mas a doença do amor não penetrou sua alma, sua mente e seu corpo. Ou também, sua vida contemporânea não lhe deu o prazer de ler um clássico. Entretanto, eu sei qual é essa vontade e tive o meu ser tomado por ela, o que deixou sequelas profundas, sendo elas capazes de determinar para onde meu caminho iria (e irá).

Muitos jovens podem pensar que fui um iludido do amor, mas o que senti e experimentei não pode ser classificado em tal frase banal, pois excomunga toda a essência vital que foi selada por momentos que as novas “regras morais” me proibem descrever de forma direta, porém, posso dizer que são comparadas com o céu em seu esplendor e o mar em sua profundidade.

Me toma uma tristeza enorme no peito por saber que as seguintes gerações não provaram(ão) essa vontade, mas se deleitam apenas com seu Narciso (o “eu”) ao invés de encararem o misterioso e incerto amar. Nosso herói de asas não existirá, pois Hera colocou suas mãos divinas sobre os olhos dos inexperientes, cegando as visões do belo horizonte do desejo que foi o responsável pelo pingo de felicidade que nos restou depois que o Deus israelita nos expulsou de seu jardim.

Não joga essa culpa de falta de conhecimento sobre o “dar e receber” apenas nas costas dos deuses, até porque, suas criações também não demonstraram muito interesse em manter viva essa gota de vinho que caiu dos lábios de Dionísio, fazendo o contrário do que nos ensinou o Messias, transformando o vinho puro dos judeus e de sua festa feliz em água morna que nos dá ânsia de vômito.

Morrerei? Sim! Triste? Jamais, pois eu, um descendente direto dos habitantes celestes, mantenho em uma parte de mim, as memórias desse intenso e glorioso hábito que, antes do surgimento dos deuses de postagem e compartilhamento, era comum entre a espécie. E deixo um conselho para o espírito curioso que está lendo: se tiveres a chance de se tornar um só com teu semelhante, não pense muito, a única forma de saber se é bom é ser como o filósofo Bacon, um empírico.

Dona e proprietária

Ela teve quatro filhos sim... Todos espalhados pelo mundo, uns aqui e outros longe. Casou-se com vinte. Aliás, vinte anos de idade. Ele, sempre empapuçado na sua farda militar. Viveu uns vinte e oito anos até que os bandidos o pegaram de jeito. *Não, não... Estou contando errado!* “Ele era Presidente! Você duvida?”. A mulher do Presidente aconselha as moças a terem mais juízo. “Espera, mas ela é diferente. Vinte anos e não casou?” Disse que sua família era muito pobre em Alagoas. A miséria já corroeu as carnes de seu estômago e agora brincava de pique-esconde com sua memória. Ela vivia pelos cantos contando seus bens e pertences. O asilo era dela, terra apropriada e averbada no seu nome quando o pai veio desbravar Mato Grosso. *Não duvidei.* Tínhamos em comum o desejo de pertencimento, mas nada era eterno e o tempo esvaía até mesmo aquilo que ela realmente podia ter sido. Lutava, e muito, para contar do seu casamento arranjado. **Se era com o Presidente ou com o soldado?** *Nem ela mesma sabia.*

“Lembrança boa era a da escola.” A professora Ivanice sempre alta com sua preciosa autoridade de botar as crianças na engrenagem da vida... **Ela entrou?** *Sim, ela...* Essa minha mulher do Presidente. Não sei bem, mas ela sempre dizia sobre pessoas importantes. Por isso, sempre contabilizava os gados leiteiros da fazenda do seu pai. Notório era quem tinha dinheiro. **Se ela queria ter dinheiro?** *Quem nunca!* **Se ela tinha?** *Sinceramente não sei.* De qualquer jeito, o pensamento dela vinha para observar uma teia ali, uma sujeira acolá. Não sabia ao certo de toda a história de sua vida. Dizia: “Eu não sei mais de nada.” Só queria ser liberta da prisão e escapar para o nada de onde veio.

Quando o sol virou para o nosso lado, ela sentiu o suor escorrendo nas pedras, mas em seu corpo nada. Lembrou-se dos idos da escola novamente e foi quando se percebeu olhando para o amarelo do sol que ardia seus olhos. Tinha obrigação de admirar a natureza porque colocaram essa ideia na sua cabeça. Estava feliz o suficiente para sair da escola saltando pela rua. Mãos nas alças da mochila, mas algo diferente a incomodou. De repente, o Bengala fez bilu no meio de sua calcinha. Aquilo de tão proibido virou risada dos demais e gelou seu coração para sempre.

Ela engoliu seco. Chorou o amargo que lhe correu as entranhas da garganta. Tão pequena no seu primeiro ano primário e já sabia de todas as injustiças desse mundo. Andou mais rápido para evitar outras tentativas de assédio. Menino fajuta e abusador. Sua brancura

escandinava escondia todas as indecências deste mundo e por que tinha escolhido ela ali, atinada com o sol, para extravasar suas pérfidas safadezas de muleque?

Aquele dia foi mais uma vez prova das injustiças desse mundo a que ela nunca iria compreender até se tornar dona e proprietária. **Se queria angariar admiração do marido?** *Ora, por que essa pergunta no meio da história?* Ela odiou aquele guri como odiaria todos os homens deste mundo, inclusive seu pai. “Nada tinha, tendo tudo, esse era o lema daquele selvagem espancador de crianças, que descontava seus aborrecimentos de miserável em rojos e azulões em sua pele e osso”. Só se sentia amada quando ele vinha com umas pratinhas para comprar os doces, pirulitos e todas as bobagens da vitrine que atraía a mulecada.

E as vitrines também deixariam de ser poesia! Mais ainda depois que aquele velho-anão da venda havia lhe pedido para escolher o doce que ela queria. Ela queria o doce e ele o doce dela. De cócoras ela via o seu sonho se realizar. Tantos doces tão perto e o cheiro orbitando nas suas narinas. Não esperava que, pela primeira vez, sentiria o amargor dos dias que viriam a ser seu destino eterno. O cambota velho-anão não resistiu à avareza de sentir o tamanho das tetinhas dela. Apertou, mas eram muito pequenas para lhe provocar qualquer desejo obscuro.

Ela, constrangida, engoliu o orgulho de ter que se calar e saiu correndo... tão depressa que nem o guri mais veloz na bicicleta lhe passaria a vez. **Se resolveu contar para a mãe?** *Claro que não!* Ignorada. Amargurada. Todos os adas de tristeza seriam acrescentados nas flexões verbais para significar sua raiva e ódio daquele instante. Ela decidiu não voltar na venda e evitar todas as que tinham seus homens nas fachadas e balcões. Mas era obrigada a gostar de homens, querê-los para si. E, moça, gemia noites de dor... sem prazer com a parte que lhe entrava sem tirar a segura de suas partes. E foi de lá também que saiu aquele que traria o desgosto eterno de ter vindo a esse mundo. **Se pudesse esquecer?** *Ela nunca esqueceria...*

Nunca esqueceria que aquele ser indefeso iria atravessar as neblinas de madrugada em pó que avermelhava as narinas e escurecia o coração. Mais uma vez ela seria refém... só não imaginava que a educação dada àquele menino tinha sido insuficiente o suficiente para construir um homem de verdade. Esse era o que ela odiaria mais do que todos. Tudo se esclarecia... o melhor era fugir e escriturar-se no nada daquele lugar. Tornar-se dona daquela solidão que era o prêmio que levava por resistir a uma vida miserável.

O Abandono

Lembro-me, como se fosse ontem, dos meus 7 anos. Infância sofrida... Nunca pude deleitar de ser criança. Tínhamos uma fazenda, muito grande e farta, éramos 20 irmãos, 16 meninos e 4 meninas e todos tinham que trabalhar, como não poderia me lembrar? Mas foi uma certa tarde, essa específica tarde que marcou o resto da minha vida.

Era manhã. Como todas as outras, tive que madrugar. Junto com os meus irmãos, fui cuidar das plantações. Fui logo para o mandiocal, colhi pé por pé, empilhei e levei para serem lavadas e raladas. O destino final era fazer polvilho, mas quem diria que nesse mesmo dia, que de tão normal que era o fazia ser quase inocente, abriria uma das maiores lacunas que existe em minha vida.

Levei a mandioca, lavei e iniciei o processo para transformá-la em polvilho. Pouco tempo depois, comecei a ouvir um barulho, parecia ser uma discussão vinda de dentro de casa, vozes alteradas, choros e uma grande tensão invadia o ambiente que outrora era calmo e caloroso. Quando me aproximei foi que pude por fim descobrir como iria se iniciar uma das etapas mais dolorosas de toda a minha vida.

Com a voz firme e repleta de razão, todo cheio de si e coberto de ignorância, estava meu pai contando para a minha mãe que havia trocado nossa fazenda por um caminhão, que em prantos, e contrariada, perguntava para ele o que seria da gente e onde moraríamos a partir daquele dia. Ele, sem um pingo de remorso, virou as costas e com um frio adeus disse que onde moraríamos já não era um problema seu. Desde aquele dia, desde o momento em que ele cruzou aquela porteira e entrou em seu caminhão, nunca mais soubemos do seu paradeiro.

Quase uma aceitação

Eu queria colocar as datas por aqui, mas não sei distinguir o tempo, as horas, as estações. Não gosto de onde estou... Só queria voltar ao passado e consertar as engrenagens do destino para mudar meu fim. Eu era mecânico. Fazia outras coisas além de arrumar os carros. Já fui carpinteiro, servente de pedreiro e nunca desejei ter um fim assim: andando, indo de um lado pro outro, sem lar, sem rumo, no abandono. Não gosto daqui e tenho que me conformar com a vida que levo.

Ontem mesmo só queria poder comprar uma balinha pra adoçar a vida e antecipar de vez, sabe!, encontrar de vez o lugar pra onde a diabetes tem me arrastado. Ninguém pode imaginar o que é querer algo e não poder ter porque se é cativo. Meu sonho de menino nem nunca foi ficar rico não! Eu só queria ser pião de boi e trotar em cavalo bom de rédia. Meus olhos faiscavam de ver aqueles homens acampados pelas estradas afora. Levando vento e chuva na cara. Esmurrando o frio com as mãos impedradas. Resgatando os fugitivos. Contando as milhas para chegar logo ao fim do caminho e tomar o café feito por uma servinha qualquer da fazenda. Ver elas olhando pra mim e pensando em quanta lama já deixei minhas passadas. Sair dali com a admiração dos demais e uma miserinha de nada paga pra feira da semana e pro bagerê.

A desventura, os caminhos de onde saímos e para onde vamos! Quando fugi de casa foi porque minha mãe tinha morrido de tiriça braba e eu odiava meu pai. Eu tinha uns quinze anos. Fui morar debaixo de uma ponte lá em Cassilândia até me arranjar na vida. Estava trabalhando na bicicletaria do João Botija e foi aí que tudo se transformou. Ele me deu casa e comida. Deixou eu morando no fundo da oficina. Era um homem bom, redondo de gordo, dentes amarelos pelo cigarro, baixote. Ele me chamou pro almoço de domingo porque sabia das minhas necessidades e misérias. Lá, eu conheci o amor da minha vida. Efigênia era a quarta de cinco filhas mulheres, mas a mais geniosa, como o nome dizia. Ela tinha doze anos e nesse meio tempo eu já completava dezesseis.

Nosso primeiro encontro de verdade foi na praça São José. Comemos pipoca e tomamos uma tubaina que, de tão gelada, estalou o beijo. O velho Botija até fazia gosto no casório porque aí era menos uma boca pra comer do arroz e feijão dele. A gente sabia que os moços ricos jamais se interessavam por menina daquela laia. Foi aí que eu aproveitei e me achei naquela pérola.

Já no primeiro ano de casados, eu sabia que ela ia me deixar louco de pedra. Era mais do que amor, era devoção por aquela mulher. Ela me correspondia com ingratidão. O amor dela tinha acabado depois que engravidou do primogênito. O Junito nem deu tanto desgosto como os outros. Na verdade, ele ainda aparece uma vez na vida outra na morte pra ver seu velho pai. De repente, eu já não era suficiente e descobri, com toda a amargura no coração, que ela só queria fugir de casa quando decidiu se casar comigo. E foi bem assim que aconteceu. O muleque nasceu e ela se foi. Só Deus é que sabe pra onde. Nunca mais deu paradeiro.

Somente meu coração presumia quantas vertigens tive com o abandono. E como ia cuidar sozinho do guri tendo que trabalhar igual cavalo? Cê acha que o Botija e a velha dele me ajudou? Nada... Eles foram morar longe de todos. Aposentaram e foram pro mato. Nessa época,

eu transformei a bicicletaria em oficina de carro. Era um conserto aqui e uma ninada ali. Era um conserto aqui e uma mamadeira ali. Eu precisava de uma mulher. Não dava pra continuar daquele jeito sendo pai e mãe.

O negócio é que nada melhorou. A Sylvania, depois que o Junito cresceu para as artes, virou minha vida pelo avesso. Era uma xingação danada e sem contar as surras que o pobre levava por bobagens à toa. Depois, vieram os outros filhos. Os ingratos. É isso mesmo... cuspiram no prato que comeram. Depositaram esse velho aqui como tralha que nem pra doação serve e precisa ser escondida na dispensa de trastes. Mas... eu já me conformei com a solidão. Mas não custava nada uma ligação e um dedo de conversa fiada. Puxa, só passar por aqui e saber da minha saúde. Se eu ainda estava vivo...

A Sylvania foi me largar já velha de casada. Nunca vi a pessoa querer recomeçar a vida com sessenta e tantos anos. Paixonou por um vigilante de mercado, mal sabendo ele os chifres que estava destinado pra sua cabeça. Pois se eu, trabalhando o dia e tendo a noite livre, sofria com o pé de pano, imagina o pobre. Por ela eu não dei falta, agora pela geniosa... aí sim... meu coração disparava só de pensar que ela estivesse dormindo com outro. Quando a Sylvania me largou, eu até tentei ir atrás da outra. Cacei algum parente e eles disseram que ela tinha virado prostituta nas europas. Eu me conformei de novo com o destino porque só sabendo disso eu podia pensar que tivesse sido o único a ter tido ela com registro em cartório.

O que eu queria mesmo era apagar essa vida que tive e tentar outra. Não queria um recomeço! Queria ter tido a oportunidade de não ser um conformado. Queria ter sido feliz no final das contas. Os filhos só me procuraram até o meu dinheiro ir pro saco. O Junito é que aparece, mas é lá de vez em nunca. Talvez nessa narração eu podia ter inventado umas histórias, umas mentiras pra me fazer fugir da realidade, mas eu já me conformei...

Meu casamento

No tempo da minha juventude, os casamentos eram arranjados, porém meu pai nunca nos impediu de escolher meu pretendente com a sua tutela. Ele deveria conhecer bem o rapaz, sempre avisara “cuidado com esses caras que não trabalham” e eu sempre ouvia atenciosamente, mas estava chegando a idade de me casar e não tinha um pretendente.

Quando eu completei quinze anos, meu irmão mais velho havia casado e então meu pai estava vendo uma forma de fazer com que eu também casasse. Ele chegou em mim e falou:

- Eu trabalho com um cara lá que ele é novo e, se você quiser, vocês podem namorar uns dois anos e eu faço o casamento.

Então, ele me mostrou o rapaz que, por sinal, era muito bonito, logo me interessei por ele. Depois de dizer ao meu pai que havia gostado daquele moço, me falou que eu deveria decidir então e namorar por uns dois anos. Consenti e assim foi! No início do nosso namoro, ele tinha dezessete anos, passado os dois anos eu já estava com dezenove e comecei os preparativos para o nosso casamento.

Meu pai, sempre muito caprichoso, me deixou escolher um dos melhores vestidos que havia aqui em Lacerda. Aquele momento tinha que ser único e foi! Fizemos uma festona, convidamos os meus familiares e os dele. Assim comemoramos aquele momento que me trouxera muita alegria. Eu era muito jovem, mas naquela época a minha perspectiva sempre foi tem um bom casamento e isso felizmente eu consegui, só tinha que comemorar.

Sou teu desde nascença

Saudações, velha amiga! Desde o dia em que nasci não paro de pensar no momento de nosso encontro que a cada segundo fica mais próximo. Espero estar certo sobre tudo que ouvi sobre você, pois, sinceramente, tenho medo de lhe olhar nos olhos e me sentir perdido, como sempre fui. Tu sabes, mais do que qualquer um que tudo que tenho já não é de minha posse, muito menos o que construí ao longo de vários anos. Você se lembra da frase dita por aquele senhor resmungão? Se não, era algo sobre não procurar ter infinitos bens materiais, pois, quando me reunisse a ti, não importaria. Penso nisso o tempo todo. É de meu desejo saber se é comunista ou não, porque, se fores, não nos daremos bem. Entretanto, mesmo assim fiz como o senhor disse e não juntei muito, até porque não conseguiria.

Quando minha mãe estava comigo ia a igreja e rezava muitas Aves Maria achando que seus atos me fariam ficar fora da vida ativa, mas sempre falei que era ridículo fazer tal coisa para evitar uma amizade e uma troca de afeto que estava predestinada a acontecer. Ela, em sua majestosa sabedoria materna, entendeu tanto que a conheceu pessoalmente. Também li muitas coisas sobre sua existência e sinto uma obrigação de lhe dar ensinamentos sobre empatia e escolhas de convívio. Como podes ficar perto de alemães que queimam livros e odeiam a

origem do próprio salvador? Tenho dúvidas em relação ao seu caráter, porém, deixarei para julgá-lo quando estiver comigo, te dando o direito de se defender.

Nem todas as suas companhias eram ruins. Lembrei-me de um idoso que sempre se vestia de branco, viajava muito e beijava o chão (um hábito questionável, mas...). Este parecia ser muito feliz e gentil, tenho certeza que os dois se divertiram bastante. Se a memória não me escapa, acho que alguns artistas se inspiraram em seu jeito de ser e fizeram história, mas tenho a leve impressão que eles não captaram sua parte interna, ou seja, sua importância. Isto é de se refletir: qual a nossa importância?

Enfim, chega de escrever por hoje, não quero zangá-la como fez o último homem que se mostrou livre demais e acabou levando um susto quando chegaste ao lado dele. Tenho apenas uma coisa para te pedir. Se for de sua vontade, fique mais tempo sem conhecer meus colegas de morada. Tenho, em meus pensamentos, que não será algo agradável para os que estão aqui em redor. Portanto, era somente isso que queria conversar. Agradeço sua atenção em cada passo que dei até nesse instante. Atenciosamente, do seu amigo de nascença para a invejada e incompreendida, minha amiga Morte.

Nos tempos da Reforma Agraria

Eu, como tinha um cargo dentro da política, pude contribuir para a eleição do Dante de Oliveira como Ministro da Reforma Agrária. Após a eleição, todas as comemorações e cortesias, fomos para Cáceres, pois ali tinha muitos bandidos mantendo pessoas e então eu falei pra ele: “Vamos pra Gleba Rio Branco. Eu conheci alguns dos bandidos que se encontram lá”, então fomos juntos com o Gefron.

Ao chegar lá, reunimos todos os que estavam presentes, subimos uma serra que tinha lá e falamos que se não obedecessem jogaríamos bombas e destruiríamos tudo que tinha ali. Nisso, já estávamos com essas bombas preparadas, eu preparei juntamente com o capitão. Eram fedidas e formavam muita fumaça, seu peso era de uns cinquenta quilos cada uma e fizemos vinte e cinco delas.

Por fim, decidimos detonar as bombas jogando-as naquele local. Eu amarrei uma corda no avião para que me segurasse enquanto eu soltava as bombas. Dante olhou onde eles estavam pelo radar e soltou uma bomba. Assim que ela explodiu tremeu a mata inteira, o chão e subiu

fumaça preta. O povo começou a correr! O barulho era muito alto e eles ficaram o tempo todo correndo e a gente atrás deles soltando as bombas.

Depois disso, eles se assustaram e fugiram pra Vila Bela. Acabou a divisão ilegal das terras que existia ali e o Dante dividiu aquelas terras pra todos da região que eram proprietários de zona rural ou que tinham interesse. Depois desse acontecimento, pouco tempo depois, me desvinculei da política, pois não queria sair como candidato e eu teria que sair se continuasse trabalhando ali.

História de vida

Quando eu era jovem vim morar em Mato Grosso, melhor dizendo viemos de Jales – SP para Mirassol D’oeste – MT. Vim acompanhando meu pai que fazia muito frete neste trajeto, puxando mudanças de Jales para a região de Mato Grosso. Ele vinha muito para Mirassol e para Rondônia também. Meu pai tinha um caminhão de transportar boi e também fazia mudanças para a região. Nesta época, eu não tinha carteira de habilitação, mas naquele tempo os pais assinavam um termo de autorização para que os filhos menores de idade pudessem dirigir e meu pai assinou este termo de autorização para dirigir o caminhão dele legalmente.

Trabalhei muito tempo para o meu pai. Naquela época em que eu era um moleque novo, queria mesmo era namorar, mas caminhoneiro não tem muito tempo para essas coisas. Por isso, logo me cansei e parei de trabalhar para ele. Naquele tempo, moço solteiro tinha muita distração e eu queria era aproveitar a vida, ir para os bailes, dançar, nunca fui de muita bagunça, eu gostava mesmo era de dançar.

Com muito trabalho, e juntando dinheiro, logo comprei o meu primeiro caminhãozinho para fazer fretes curtos na região durante a semana. Nos finais de semana, me divertia bastante, saía para as festas e namorava muito. Teve um tempo que eu tive cinco namoradas. Tempo bom. Quando me cansei de festar, me casei em Mirassol D’oeste – MT. Eu e minha esposa conseguimos ir construindo nossas coisinhas, compramos nossa terrinha, tivemos quatro filhos, sendo duas meninas e dois meninos e ficamos casados por 26 anos. Me casei várias vezes e, com isso, perdi muitas casas e muitas terras. Tenho casas e terras em vários lugares desse nosso Brasil! Quando eu vivia com uma mulher, na verdade antes de casar, já explicava para ela o jeito de proceder comigo e onde a mulher casada deve e não deve ir, porque eu não gosto de brigas. Se a mulher já vinha gritando, querendo brigar comigo, eu já separava porque não tinha o que fazer. Eu não ia brigar e nem discutir... não gosto de brigas... Me casei umas cinco vezes

e a mulher que me dei melhor foi a última.

Conseguí dar estudo para os meus filhos. Uma das meninas até se tornou professora. Valéria é professora de faculdade! Não vou falar muito porque não sei dizer muito bem, só sei que ela dá aula. A outra é promotora de justiça, se formou para advogada. O marido dela é juiz, o meu filho mais novo é escrivão da Politec e o meu outro filho é pastor. Tenho um sítio de 5 alqueires em Jaru-RO com uma casinha. Lá, nasceram meus quatro filhos. Tenho um compadre que mora lá há muitos anos e ele já quis comprar minhas terras, mas eu não gosto de vender minhas coisas, nunca se sabe o dia de amanhã, vai que quero voltar para lá um dia.

Eu sei quem sou, mas não consigo lembrar

Uns falam que sou um largado, sem laços profundos com aqueles que se dizem sangue do meu sangue, porém, tenho a certeza absoluta que sou eu aquele que eu fui. Sei que parece confuso, mas irei explicar! Quando eu era criança, minha mãe dizia que eu seria padre, e assim fui (para ela). Quando cresci, meu pai dizia que eu seria médico, e assim fui (para ele). Quando me tornei detentor de mim, disse que seria fazendeiro, e assim fui (para mim). Mas a coisa mais boa que fui não lembro e se tento lembrar sinto como se estivesse sendo torturado.

Entretanto, às vezes gosto dessa tortura, ser forçado a voltar e ver o que eu, como telespectador da minha existência, fiz com essa tal “dádiva da vida” que os poetas falam, porém, que, para mim, não tem valor. Por que afirmo isso? Porque algo só pode ter valor se nos foi bom, caso contrário... só foi. E assim ela se mostrou presente na minha existência, sempre cruel, imprevisível, maléfica e injusta. Nunca me deixou sentir outra coisa que não fosse o sofrimento, com a justificativa de que no final seria como estar no paraíso. No entanto, era apenas mentira, pois no final já estou e só encontrei sofrimento, e ainda pior, sem minha Eva.

Deus, se o Senhor disse que não era bom que homem ficasse sozinho por que tiraste Eva de mim? Será que tu não vês o meu sofrer? E para devastar mais a minha suposta vida, tiras de mim o que sobrou dela também, como se levasse com o vento as folhas mortas de outono, sem saber que a árvore ainda as quer. Dessa forma, tu levas do meu ser as memórias que tenho dos momentos que vivi, pessoas que conheci e até de quem fui. Se eu fosse um sacerdote teu, ainda rezava pedindo para que deixasse comigo pelo menos o meu nome para colocar em meu túmulo, porém, não consigo me lembrar de como me ajoelhar em teu altar.

Agora, no fim que estou, me sinto humilhado por cogitar suplicar para quem nunca me ouviu gritar, mas fico eu com uma esperança: de que, no último respirar, teus anjos venham me buscar e me levar para perto dela, e quem sabe lá eu lembre de quem fui, pois quem sou eu sempre soube. Sou eu um sofredor que em meio à dor ainda consegue caminhar!

Saudade de passarinho

Nasci em uma casca de ovo, carregada e cuidada por um lindo pardal fêmea. Desde que vi o mundo (uma pequena área com árvores) me senti livre. Dividi meu ninho com outros sete iguais a mim, mas que de mim não tinham nada. Aprendi a voar quando fiquei mais forte e depois de levar muitas bicadas na cabeça. Foi depois que o vento bateu em minhas penas e as nuvens se transformaram em pequenas formigas que me tornei um rebelde. Não quis saber mais de ficar encolhido no inverno e ter que me virar com as responsabilidades de uma ave minúscula, queria mesmo era migrar e cruzar o pavoroso oceano com as cegonhas, ser grande, ir além da reprodução com pardais...

Foi o que fiz, pois não existe ser nessa terra que possa impedir um ser que voa de ser livre e conquistar o desconhecido. Olhei nos olhos de minha mãe e disse:

- Vou embora para onde o vento soprar mais forte, lá serei feliz!

Ela me olhou, levantou suas asas e me disse

- Anjos também podem cair e perder a luz.

Sem pensar ou refletir sobre a frase inútil, fui para longe do ninho. O caminho foi um verdadeiro tormento, porém consegui chegar no destino. Conheci muitas aves (quase todas fêmeas), fiz colegas e fui bem recebido, mas depois de um tempo percebi que todos tinham família e obrigações que os impediam de serem libertados. Então, bati minhas companheiras e cai no céu. Em todas os locais que passava via a mesma coisa: os que não eram escravizados se tornando assim por vontade própria.

Voei mais longe e acabei criando um vínculo com uma região banhada por um rio de nome indígena e que possuía uma beleza de interior muito cativante. Nessa parada mais longa, foi onde a vi com uma perfeição tão majestosa, refletindo o brilho dos raios solares do

amanhecer mato-grossense. Era um ser igual a mim. Não de alma, pois a dela era mais pura; nem de propósitos, porque os dela já estavam nos planos do criador, era em espécie.

Naquele bater de asas que ela deu perto de mim, pude sentir seu aroma de pantanal. Perguntei-lhe o nome e como esperado ela disse algo magnífico:

- Me chamo Flor de Pitanga.

Ali, meu espírito insaciável se fartou em questão de segundos. Levei a doce e inocente flor, que não tinha ainda o saber do que era fotossíntese, para um ninho largado onde eu molharia sua semente e a ensinaria a ser planta viva. Quando amanheceu, não quis ir embora, ao invés de voar para o desconhecido, fiquei voando por aquele paraíso, esperando a noite chegar, na esperança de poder ser professor novamente de uma criatura celestial. Sobre a luz da lua, o esconderijo e conforto da escuridão para escapar da ira de Deus que me mataria se soubesse que a sua alada está indo ao inferno de vez em quando. Assim fiquei, eu e ela. Porém, toda existência precisa ser uma fábula de Esopo, sempre com algo a ensinar sabendo o que nos irá custar.

No dia em que um animal estranho comemora a ressurreição de um mesmo que, entrou em uma cidade montado num jumento (suspeito eu, que seja o tataravô do ator de Saltimbancos) a minha linda plantinha estava a voar e, para minha desgraça, seu incomparável véu estava manchado com uma cor monstruosa. Depois de alguns minutos, olhando para uma igreja vi a minha bela e divina no chão. E para que a moral do existir não pareça já ruim, veio andando o egoísta e malévolos felino e a levou. Agora estou parado, sem desejo de ir às alturas, de me aventurar. Tudo que penso nesses últimos dias é na banal e poderosa profecia de minha progenitora. Se não fosse minha pressa no viver, teria aprendido que o que nos escraviza, na verdade, nos immortaliza, pois sempre que fecho os olhos vejo aquela corrente que me prendeu. O que me resta? Apenas saudade, dos tempos que não tive, porque do ninho sai sem nada realmente ter em meu ser e daquela que poderia curar-me da imortal dor que se instalou no coração desse passarinho.

A vida de seu João, boa ou não

Seu João, 65 anos, do interior de São Paulo. Teve uma infância difícil, trabalhou a vida toda quando mais jovem. Já viveu de tudo: brigou, sorriu, foi morar em mais de um Estado,

rodou praticamente o Brasil todo. Seu João é um homem de bem, honesto e trabalhador. Seus pais o criaram no modo de vida de antigamente, ou seja, de um jeito “bruto”, mas que o formou o homem que é hoje. Muito religioso, acredita que Deus é o criador de tudo e todos.

Minha infância? Eu prefiro falar de agora! Porque eu não lembro muita coisa e não faço questão. Eu vivo o agora! Eu tive uma infância difícil. Trabalhei a vida toda, não tive nada de infância, meu pai bebia e a mãe era crente. Não era o melhor ambiente do mundo, mas, era o que eu tinha. Aos 18 anos, fui embora de casa. Saí por aí. Com a cara e a coragem. Rodei por algumas cidades no Interior de São Paulo e por várias outras nesse mundão afora.

Arrumei uma carona e vim parar no Mato Grosso. Pra ser mais exato, em uma cidade chamada Comodoro. Lá fiquei e arrumei um trabalho de descarregar sacos de milho em uma fábrica. Ganhava pouco, mas eu, que quase nunca tive nada, tinha o suficiente para sobreviver. Fiquei nessa currutela por dois anos. Arrumei bons amigos de buteco, sinuca e cerveja para as noites depois do trabalho. Ah, não me esqueci, mas arrumei uma mulher também. Não amei tanto ela, mas ela me fazia bem. É como os jovens fazem hoje, mas era mais antigamente. Terminei o ensino médio. Foi fundamental pra mim, não profissionalmente, mas como pessoa. O conhecimento é algo que nunca vão me tirar.

Em 2019, fui pra Vila Bela. Uma cidadezinha do interior de Mato Grosso. Pequena, mas de uma cultura lindíssima. Cheia de histórias, pontos turísticos, inclusive, a primeira Capital do Mato Grosso. Foi um ano bom.

Em 2020, um ano depois, ficou ruim. Chegou a pandemia: comecei a beber muito, muito mesmo. Morei na rua por um bom tempo. Bebia todos os dias, como um refúgio, por todo esse caos. Mas a doença (do inferno) me pegou. Passei 45 dias na UTI. Pensei que eu iria morrer. Foram 45 dias ruins, eu nunca me senti assim. Depois de todos esses dias internados, eu recebi alta. Em meio a tantas coisas ruins, mortes, vidas levadas, tive a sorte de sobreviver. Me considero um milagre. Parei de beber por alguns meses, mas tive uma recaída. Fui pra rua novamente. Dessa vez, fiquei menos tempo. Ligaram para cá (o lar dos idosos) e foram me buscar. Aqui, me deram comida, me examinaram e fiquei melhor.

Tô fazendo tratamento. Estou melhor. Recebi duas doses da vacina contra a Covid-19. Senti uma esperança. Aliás, se vacinem. Não acredite nesse Presidente. Com a vacina, posso ver o Palmeiras ganhar mais alguns títulos. Estamos na nossa melhor fase. Eu estou bem. E Deus vai me fazer ficar melhor ainda. Espero sair daqui logo. Não há nada melhor do que a minha liberdade!

A proposta

Quando eu era jovem pude presenciar muitas injustiças. Entre elas, pessoas passando fome, sofrendo maus tratos, agressões e, geralmente, essas pessoas eram mulheres largadas ou viúvas. Mesmo com a criação rígida que tive, para mim isso não era algo tolerável, a violência não parecia o caminho correto a se seguir.

Certo dia, fui para uma cidadezinha no interior do Mato Grosso em busca de emprego e, como tinha muitos conhecidos, logo arranjei em uma fazenda. Andando por lá, admirando o belo local que, em breve, seria meu ambiente de trabalho e também a minha moradia, vi de longe algo que me encheu os olhos mais do que a linda paisagem repleta de arvoredos, uma bela mulher. Eu já a conhecia! Era a mulher de um conhecido meu, mas soube que com ela ele cometeu tamanha crueldade, abandonou ela e seus quatro filhos para viver por aí com várias mulheres. Deixou ela sem ter para onde ir e logo foi despejada da casa onde morava por não ter condições de pagar. Tudo soube nas palavras ditas pelo meu mais novo chefe, ao perguntar, sem compromisso, sobre a beleza que enchera meus olhos e adentrou o meu coração.

Comecei a trabalhar ali, passaram-se alguns dias e eu já estava começando a me adaptar. Estava gostando bastante e a minha principal função era alimentar os animais. Eu fiz isso a vida toda, não era um emprego difícil! Certo dia, indo até o galinheiro, esbarrei em alguém! O coração disparou quando meus olhos identificaram a imagem daquele rosto familiar e delicado. Era ela, aquela linda mulher que fora largada pelo marido! Me desculpei e ao olhar bem pra ela pude ver a tristeza em seu olhar. Precisava, mas não sabia como perguntar. Com muito custo, depois de ficar encarando por um tempo, tomei coragem e perguntei o que havia deixado ela tão triste. Tive medo de ser invasivo, mas ela não demonstrou incomodo e me contou, sem nem mesmo questionar, que tinha três dias para desocupar sua casa. Ouvir aquilo me partiu o coração e precisava solucionar o problema dela de alguma maneira.

Depois de encontrar com essa mulher, passei o dia pensando no que fazer e acordei decidido. Era isso... fui ao encontro dela e fiz uma proposta: eu achava ela uma linda mulher e se ela quisesse eu me casaria com ela e cuidaria dos seus filhos. A pobre coitada, sem saída, pensou um pouco, mas logo topou. Juntamos as escovas de dente e eu já paguei suas despesas e planejei o casamento. Ao comunicar o chefe, ele deu uma risadona de alegria e nos presenteou com um pedaço de suas terras para começarmos a vida. Pudemos ter uma vida confortável e estável que aquela mulher tanto desconhecia.

A mortalha que te espera

Eu não queria te dizer, mas, em todo caso, o destino é esse aí: a sepultura. E são muitas as correntes que nos prendem nela. Quando eu fugi da Bahia e fui pra São Paulo, pensava que ficaria rico ou coisa do tipo. Balela pura... O caminho foi seguir em pau-de-arara pro Mato Grosso. Lá, se dizia ter terras indomáveis com solo vassalo pra plantação de qualquer cultura. O jeito foi cortar no peito aquele tanto de cerrado. *Meu Deus, essa criatura nunca vai saber o que é isso, otário...* Eu era meio vagaroso pra trabalhar com capina e por conta de uns companheiros, amizadaiados na viagem pra cá, terminei parando no entorno do rio Guaporé.

Quanta labuta! *Queria ver é se esses filhinhos de papai de hoje em dia, criados a pão de ló... preferem traficar pra ganhar dinheiro, bando se senvergonhas...* Eu fiquei foi podre de rico. Tinha de tudo em casa. Vendi as terras de Vila Bela, pois lá já não tinha tanta gente morando e a minha patroa gostava de cidade. Sim, sim... Casei! Não ia ficar pra semente. Arriei as malas e na vilinha de Lacerda assentei meu fim.

Morava ali perto da Igrejinha Nossa Senhora Aparecida com aquele cemiteriozinho do lado. Sabe aquele que tá abandonado? É ele mesmo... Morei lá na frente, pois era importante manter minha posição. Eu era o preto rico dos arredores e não podia fazer nada pro meu nome cair na lama. Baiano, preto e rico... Era admirado pelos vizinhos e autoridades. E os filhos vieram pra quê? Pra assentar meu nome na fossa. *Ohhh vida de cão... Se eu não tivesse tido aqueles sanguessugas, estava rico ainda...*

A patroa foi parindo um guri macho atrás do outro... Os patriarcas naquela época preferiam os machos, mas só queria filhas fêmeas. Eu era anarquista! Os filhos homens abandonam os pais e foi o que fizeram comigo e a finada. Três: Juarez, Ataliba e Deusdete. Quando percebi que meu destino era só ter filhos homens, procurei minha cumadre benzendeira e ela fez uma garrada pra secar o ventre da minha mulher. *Arrependimento do cão... nunca vou me perdoar!* A patroa ficou fraca do juízo. Não conseguia educar aqueles marginais.

Eu, que ficava mais na fazenda cuidando da vacada, desconhecia que estava cavando minha sepultura em vida. *Bando de vagabundo que eu ajudei a botar nesse mundo... por que Deus foi tão injusto comigo? Indolentes...* Eu queria dar uma vida tranquila pros infelizes e

levei uma punhalada pelas costas! Botei eles na escola perto do campinho e foram excelentes alunos na aprendizagem de safadagens e criação de desavenças.

Meu entretenimento era tomar umas biritas no Varanda Copos e raramente pegava um rabo de saia. Eu era homem, a mulher tava fraca das ideias, não gostava mais de coito. *Acho que foi efeito da garrada ou alguém fez um feitiço pra me destruir.* Os ingratos me deduraram pra mãe deles e ela acabou tirando a vida com uma faca enferrujada.

Aí os ingratos cresceram pra marginalidade de uma vez por todas. Acabaram com meu dinheiro, porque todo mês eu tinha que molhar a mão de alguém para tirar um desinfeliz da cadeia. E era prisão pelas coisas mais ordinárias: briga em buteco, molestagem com criança, fuga com mulher casada. *Sempre me pergunto: aqui sempre foi uma matação de gente e eles nunca encontraram um corno pra meter um tiro na cabeça de um deles. Era sorte deles e azar meu.*

Quando eu já não tinha mais nada pra eles destruírem e a velhice já tinha acabado com meus joelhos, eles decidiram virar capataz dos Porto. A pior raça que já existiu na face da terra. Hoje em dia chamam de assassino de aluguel, mas antes era capataz, jagunço e os menos importantes eram denominados de pistoleiros, poceiros.

Eu que morava na frente da Igreja, por onde o Marechal Rondon deixou seu rastro telegráfico, tive a certeza que os homens que eu ajudei a botar no mundo tinham feito o pacto com o Demo. *Nunca consegui entender... eu era um bom homem... só de vez em quando bebia, biscateava pouco e raramente dava uns tapa na patroa... nunca fiz nada demais... as minhas terras foram compradas com as plantações que eu tinha de arrendamento... todo construído com muito suor...*

O Isidoro me contou do tiroteio! Os três entraram numa disputa de terra lá pros lados da fazenda Adriana. Eles foram encurralados por mais de vinte homens num braquiário alto. Eles mataram todos os inimigos sem levar um arranhão sequer no braço. O mais novo hoje em dia virou dono de supermercado... Os outros dois, de fazenda pros lados de Vila Bela. E eu? Tenho minha mortalha arrumada desde o dia que decide fazer família nesse mundo.

O peso da idade

Um dia você acorda e as suas costas doem, seus pés não sentem firmeza, você precisa de apoio, quase cai... Um dia você se olha no espelho e percebe que a beleza esvaiu de ti, enxerga marcas de expressão vindas de um corpo que um dia gozou da juventude que parecia ser eterna! Nota que os fios de cabelo se encontram com a mais penetrante brancura e pergunta: “Onde foi parar a minha juventude? Para onde foi aquela vontade de lutar e a certeza de que de tudo eu podia, mas agora que nada tenho e nada posso mais? O que eu plantei durante toda a minha vida?”.

Dentre tantos questionamentos, você já não sabe mais se faltou de ti ou do mundo, se podia ter feito mais ou se fez demais e recebeu de menos e aí que diferença isso tudo faz se agora o que era simples se tornou complexo e o que era tão importante tornou-se fútil? Era preciso experiência, mas e agora? O que fazer com a experiência? O que antes faltava, hoje é abundante, mas já não surte efeito, pois a força que tivera, já não existe mais para fazer valer cada traço de aprendizagem que os novos anos me trouxera, afinal, trouxera ou roubara? Esse questionamento você nunca ousara fazer.

O que restou de tudo isso foi contatar a família, mas que família? A sua te desprezou, não importava o que um dia fez! Na atual conjectura, nada mais era que um trapo, um fardo, uma despesa, um trabalho a mais para quem tempo de menos... mas que tempo é esse que é tão restrito se, no fim, de nada ele valerá? Ah, se você pudesse lhes ensinar aquilo que só aprendeu quando teve que viver, que pudera ter esse privilégio, talvez darão mais valor àquilo que realmente importará, mas será que importa? Será que realmente foi tão importante quanto tentou ser e, como tentou, fez de tudo para ser, porque não foi, porque não é?

No fim, o que restou foi se sentar em uma cadeira de rodas, olhar para o horizonte e concluir que um dia se viu no alto, no mais alto que seus olhos puderam alcançar, desfrutar e esbanjar como se não houvesse um amanhã. Talvez não houvesse mesmo, mas para ele houve e esse avião que lhe levava às alturas finalmente pousou, por quê pousou? E agora? Como sentir a firmeza do chão com igual alegria depois de conhecer as belezas que só o vasto céu de imensidão lhe proporcionara? Como curtir a solidez do chão depois de viver a liberdade de voar? Isso ainda não sabia, então lhe sobrou, finalmente, sonhar com o passado enquanto aguarda o desenrolar do futuro que o levará ao encontro da única certeza que lhe restara: o descanso em meio a eternidade em um lugar que o tempo nunca cessaria...

Passei uns dois anos trabalhando como guarda noturno de camelô. Ali tinham vinte e dois camelôs. O chefe passava umas três vezes por ali para ver se os guardas estavam dormindo, era um senhor loiro dos olhos azuis. Lá também trabalhava um rapaz bem jovenzinho, devia ter uns vinte e seu anos. Era por volta de oito horas da noite, ele estava dormindo, acordei ele e perguntei o que estava acontecendo pra dormir tão cedo. Me disse que estava com problemas com a família e havia bebido. Então, peguei uma cadeira e começamos a conversar.

Conversa vai e vem, ficamos ali por horas falando sobre o que aconteceu com ele e fui andar. Estava tudo muito tranquilo e normal por ali, uma coisa extremamente rotineira, até que ouvi ruídos vindo detrás dos latões de lixo, como se alguém os tivesse derrubado. Fui averiguar, não avistei ninguém. Pé por pé continuei andando naquela direção, a arma que eu tinha na cintura estava em punhos, fui aproximando até que...

Outro estrondo, desta vez vindo de outra lixeira mais à frente, fui correndo até lá, a essa altura já estava preocupado, averiguava e não via nada. Decidi então ficar por ali observando. Se houvesse alguém ali iria aparecer em algum momento. Passou um tempo e nada. Fui me zangando, resolvi que eu deveria revirar aquelas grandes lixeiras uma por uma.

Enquanto eu revirava uma das lixeiras, ouvi um novo ruído dentro de uma das salas dos camelôs, uma que estava desativada e tinha algumas bagunças e que, portanto, não estava devidamente trancada. Aproximei com a arma em punho e, para a minha surpresa, todo esse alvoroço era apenas um gato que estava atrás de uma pequena barata que corria ferozmente dele. Sei que aquela noite me enchi de adrenalina imaginando que tinha alguém ali, o que felizmente não tinha! Voltei à paz e tranquilidade que era trabalhar como o vigia daquele local.